

ESCRavidÃO, RESISTÊNCIA E VIOLÊNCIA

NO CONTO “VIRGINIUS” DE MACHADO DE ASSIS

Ana Carolina Menocci (Mestranda em Literatura e Vida Social pela UNESP)

RESUMO

O conto inicia-se com o recebimento de uma carta pelo advogado, narrador personagem, cujo nome é desconhecido, para defender uma causa. Pio, ou Pai de Todos é um homem branco, fazendeiro bem rico e Julião, negro, seu empregado. A causa que seria defendida é um ato de crueldade e violência. Julião, para defender a honra da filha que acabara de ser estuprada por Carlos, a assassina e nesse mesmo momento Carlos chega com a polícia que leva preso o pai da jovem. No conto violência, resistência e escravidão se juntam para mostrar o poder patriarcal que Carlos exerceu com Elisa e o quanto isso significava no século XIX. Nossa análise parte do pressuposto de que resistir será sempre preciso seja em qual contexto for e reflete sobre violência e escravidão. Ainda pretendemos apresentar como Machado de Assis aproveitou o espaço do conto para trabalhar esses temas.

Palavras-chave: Violência; escravidão; resistência; Machado de Assis, conto.

ABSTRACT

The tale begins with the receipt of a letter by the lawyer, character narrator, whose name is unknown, to defend a cause. Pio, or Pai de Todos, is a white man, a very rich farmer, and Juliao, a Negro, his servant. The cause that would be defended is an act of cruelty and violence. Julião, to defend the honor of the daughter who had just been raped by Carlos, the murderer, and at the same time Carlos arrives with the police who take the girl's father. In the story of violence, resistance and slavery come together to show the patriarchal power that Carlos exercised with Elisa and how much that meant in the nineteenth century. Our analysis is based on the assumption that resistance will always be accurate in whatever context it is and reflects on violence and slavery. We still intend to present as Machado de Assis took advantage of the space of the tale to work on these themes.

Keywords: Violence; slavery; resistance; Machado de Assis, short story.

Machado de Assis, escritor de muitos gêneros, soube usar de sua técnica e capacidade de escrita para fazer de cada linha de suas narrativas um mar de ideias e interpretações. Em seus contos, gênero característico por conter muita intensidade e objetividade, Machado discorre sobre os mais variados assuntos como também denuncia problemas sociais e outros problemas do ser humano.

Machado usou-se do espaço que a literatura lhe dava para problematizar certas questões sociais brasileiras, como por exemplo, a escravidão. Fanon (2008) discorre que a escravidão na literatura surgiu bem antes, e que o negro, na Europa, ganhou uma imagem bastante mal pintada:

[...] Na Europa o Mal é representado pelo negro. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro [...] Na Europa, o negro, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta preposição, estaremos condenados a falar em vão do 'problema negro'. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos [...]. (FANON, 2008, p.160)

O negro, representava tudo de mal e ruim, era esse mesmo negro que sofria com muitos problemas sociais, o pior deles talvez, a escravidão. Ser escravo era ser mercadoria de alguém, trabalhar sem descanso, não ter o direito de sentir fome, sede ou reclamar das péssimas condições de trabalho sempre a eles impostas. Ser escravo era sofrer violência e as vezes ser violento por necessidade.

O conto "Pai contra Mãe" é um bom exemplo da escravidão na obra de Machado de Assis:

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitando. (ASSIS, 2015, p.621)

No trecho há muita ironia quando o escritor menciona os escravos, ao afirmar despojadamente que nem todos gostavam da escravidão e nem todos gostavam de apanhar, como se houvesse algum que gostasse. Essa ironia tão fina, comum ao leitor machadiano, mostra-nos nas entrelinhas o quanto a vida dos escravos era sofrida, eles não eram livres e apanhavam com frequência.

A escravidão deixou graves consequências na concepção de trabalho e nas relações sociais a partir do século XIX, mesmo com a mesma já abolida, e Machado utilizou-se da literatura para levantar as implicações, não só desse, mas também de outros problemas sociais. Temos consciência da envergadura de tal via de análise, explorada com eficiência pelos trabalhos de Roberto Schwarz. Nossa pesquisa não possui tempo hábil para a investigação de todas as implicações sociais na seleção de contos machadianos, especialmente devido ao estudo comparativo que pontua os nossos trabalhos de mestrado. Contudo, algumas atividades continuam a contemplar essas análises, essenciais para os estudos machadianos.

O conto “Virginius”, publicado no Jornal das Famílias em 1864, depois recolhido na sessão “Contos Avulsos” da Obra Completa do escritor, trata de um caso de violência, escravidão, e de certa resistência. Com o subtítulo Narrativa de um advogado inicia-se com o recebimento de um bilhete pelo narrador, um advogado.

Roncari (2006) ressalta, de forma breve, que o conto “Virginius” é um exemplo dos contos publicados pelo escritor no período. Roncari afirma ainda que:

[...] é armado desse modo, com intenso realismo, mas depois se desenvolve como ‘romance’. Para reparar a ordem ameaçada no desenvolvimento do conto, os crimes são punidos, os maus castigados e os bons compensados na justa medida do que cabia a cada um (RONCARI, 2006, p. 87-88).

O bilhete foi recebido duas semanas antes do dia 24 de junho, dia de São João, no ano de 185... como coloca o narrador. No bilhete estava:

O dr. É convidado a ir à vila de... tomar conta de um processo. O objeto é digno do talento e das habilitações do advogado. Despesas e honorários ser-lhe-ão satisfeitos antecipadamente, mal puser pé no estribo. O réu

está na cadeia da mesma vila e chama-se Julião. Note que o dr. é convidado a ir defender o réu. (ASSIS, 2015, p.735)

No bilhete destaca-se o fato que o advogado deve defender o réu. O advogado, que não tem nome mostrado na narrativa demorou oito dias até que decidisse ir para tal vila defender o caso. Só depois de chegar até o local descobre que o remetente do bilhete era o Pai de todos.

Na narrativa o homem da vila que conversa com o advogado explica quem é o Pai de todos e o porquê desse nome:

- Quem é o Pai de todos?
- É um fazendeiro destas paragens, o velho Pio. O povo dá-lhe nome Pai de todos, porque o velho Pio o é na verdade.
- [...] Que faz esse velho para que lhe deem semelhante título?
- Pouca coisa. Pio é, por assim dizer, a justiça e a caridade fundidas em uma só pessoa. Só as grandes causas vão ter às autoridades judiciais, policiais ou municipais, mas tudo o que não sai de certa ordem é decidido na fazenda de Pio, cuja sentença todos acatam e cumprem. Seja ela contra Pedro ou contra Paulo, Paulo e Pedro submetem-se, como se fora uma decisão divina. Quando dois contendores saem da fazenda de Pio, saem amigos. É o caso de consciência aderir ao julgamento de Pai de todos. (ASSIS, 2015, p.736)

Depois dessa passagem nos encontramos com a escravidão que ainda era regente no ano em que se passou a história. Na fazenda onde estavam viram um negro passar de mula e o interrogaram sobre o seu senhor, se estava ele em casa. Era esse negro um escravo de Pio, mas ele não tratava seus escravos como escravos:

— Escravo é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olham-no todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignomínia que por aí se aplicam para corrigi-los existem na fazenda de Pio. Culpa capital ninguém comete entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio aplica apenas uma repreensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinqüente. Ouve mais: Pio estabeleceu entre os seus escravos uma espécie de concurso que permite a um certo número libertar-se todos os anos. Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda, e que esse estímulo não decide nenhum deles, sendo que, por natural impulso, todos se portam dignos de elogios? (ASSIS, 2015, p.737)

Os escravos de Pio são como uma família, e nem sequer desejam a liberdade. Na fazenda vivem todos em harmonia. A falta de conflitos entre os escravos dava esse ar de total harmonia na fazenda, o que mais tarde poderia ser afetado pelo acontecimento principal da narrativa. O período contribuiu para que tal fato acontecesse e da forma que aconteceu gerando bastante conflito entre as personagens. A sociedade do século XIX, nos contos machadianos, possui uma grande representação quanto aos costumes da sua época. Há ações que acontecem de determinada forma porque não poderia ser diferente naquela sociedade. Podemos nos recordar do conto “O Caso da Vara” em que Damião, em completo estado de formação moral encontra-se em um dilema, mas age da forma a beneficiar-se da situação.

No conto Sinhá Rita pediu a vara mais uma vez e Damião caminhou em direção a marquesa, Lucrecia pediu por socorro, pediu por tudo que houvesse de mais sagrado, pela mãe, pelo pai e por Nosso Senhor, Senhor esse ao qual Damião serviria dentro do seminário e ao qual também poderia servir aqui fora. Damião estava em uma situação bifronte: poderia honrar sua palavra e não entregar a vara, salvando a negrinha do castigo ou então entregar a vara e obedecer a Sinhá Rita, que se encontrava com a cara de fogo e os olhos esbugalhados. Se na primeira vez que pede a vara a Damião há um “por favor” a encerrar a frase, o derradeiro é uma ordem: “Dê-me a vara, Sr. Damião!”. O rapaz se vê diante da iminência do castigo violento, da fragilidade de Lucrecia, mas também da ameaça de perder a nova madrinha. Lucrecia e Damião vivem, neste momento, uma agonia: a de perder a proteção. As duas histórias da narrativa se unem. No entanto, só o rapaz tem escolha.

Essa escolha, que encontra-se entre uma situação de difícil decisão, mas que age conforme manda a sociedade brasileira do século XIX também será bastante decisiva nas ações da narrativa.

O Segundo Reinado, período no qual viveu Machado de Assis, foi marcado pelos embates quanto ao fim da escravidão. Nessa época foram promulgadas três leis de combate à escravidão, são elas: Eusébio de Queiroz (1850), Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885). Machado de Assis foi um escritor que acompanhou as mudanças e transformações da sociedade, analisando-as sob uma perspectiva crítica e sobretudo de

forma irônica. O escritor mostra em suas obras, que mesmo após o surgimento dessas leis ainda haviam muitos problemas de desordem e desigualdade social para com os escravos.

Entre adotar um sistema liberal europeu e deixar o sistema escravocrata havia ainda um longo caminho e tal fato não passou despercebido pelos autores dessa época. Entre esses autores estava também Machado de Assis como bem mostra Roberto Schwarz no livro *Ao vencedor as batatas* (2003):

[...] O sistema de ambiguidades assim ligadas ao uso local do ideário burguês uma das chaves do romance russo pode ser comparado àquele que descrevemos para o Brasil. São evidentes as razões sociais da semelhança. Também na Rússia a modernização se perdia na imensidão do território e da inércia social, entrava em choque com a instituição servil e com seus restos, choque experimentado como inferioridade e vergonha nacional por muitos, sem prejuízo de dar a outros um critério para medir o desvario do progressismo e do individualismo que o Ocidente impunha e impõe ao mundo. Na exacerbação deste confronto, em que o progresso é uma desgraça e o atraso uma vergonha, está uma das raízes profundas da literatura russa. Sem forçar em demasia uma comparação desigual, há em Machado pelas razões que sumariamente procurei apontar um veio semelhante, algo de Gogol, Dostoievski, Gontcharov, Tchecov, e de outros talvez, que não conheço. Em suma, a própria desqualificação do pensamento entre nós, que tão amargamente sentíamos, e que ainda hoje asfixia o estudioso do nosso século XIX, era uma ponta, um ponto nevrálgico por onde passa e se revela a história mundial. (SCHWARZ, 2000, p.28-29)

Na citação acima é possível notar que Schwarz ao comparar o contexto russo com o brasileiro, não só demonstra a discrepância existente na assimilação das ideias burguesas em ambos os países, como também salienta o caráter universal da obra de Machado de Assis com a aproximação da mesma com obras de outros escritores.

No sistema escravocrata, apesar de ter sido explorado, o negro conseguiu, por vários meios resistir ao cativo, dentre os quais podem ser incluídos o suicídio, o assassinato, a formação dos quilombos e as insurreições. No conto “Virginius” o caminho escolhido, ou nem tão escolhido, foi o assassinato, mas que não se deu por conta da escravidão, mas sim depois de um ato de violência sofrido por uma jovem.

No conto, como já ressaltamos, há um narrador que não é identificado e este se relaciona com duas personagens muito importantes no conto, são elas Pio, ou Pai de todos

e Julião. Apesar das diferenças raciais e sociais existentes entre os, um branco e outro negro, sendo que o negro era empregado de Pio, a relação entre os dois é bastante amigável fato que se comprova pela convivência, na infância, entre seus filhos, Carlos e Elisa.

Lembrando da forma como Pio tratava seus escravos podemos afirmar que Julião, homem negro, é um trabalhador livre, e não um escravo, sendo que possui propriedade própria, em um terreno fora da fazenda de Pio. Natascha Machado Kresh (2010) pondera que a narrativa machadiana não mostra Julião como homem livre, mas sim como um agregado de Pio:

Julião fora um daqueles a quem a alma caridosa de Pio dera sustento e trabalho. Suas boas qualidades, a gratidão, o amor, o respeito com que falava e adorava o protetor não ficaram sem uma paga valiosa. Pio, no fim de certo tempo, deu a Julião um sítio que ficava pouco distante da fazenda, para lá fora morar Julião com uma filha menor, cuja mãe morrera em consequência dos acontecimentos que levaram Julião a recorrer à proteção do fazendeiro. (ASSIS, 2015, p.738)

Na narrativa as personagens que mais representam a violência e a resistência são os filhos de Pio e Julião, Carlos e Elisa, respectivamente. Carlos passa um bom tempo fora da fazenda. Quando volta começa a assediar a jovem. Um dia o moço aproveita-se da ausência de Julião e acompanhado de alguns capangas invade a casa de Elisa e a estupra. Esse momento do conto apresenta a imagem da ideologia patriarcal na qual a mulher negra era vista como um objeto para satisfação do desejo sexual:

Era já perto da noite. Julião caminhava vagarosamente, pensando no que lhe faltaria ainda para completar o pecúlio de sua filha. Nessas divagações, não reparou que anoitecera. Quando deu por si, ainda se achava umas boas braças distante de casa. Apressou o passo. Quando se achava mais perto, ouviu uns gritos sufocados. Deitou a correr e penetrou no terreiro que circundava a casa. Todas as janelas estavam fechadas; mas os gritos continuavam cada vez mais angustiosos. Um vulto passou-lhe pela frente e dirigiu-se para os fundos. Julião quis segui-lo; mas os gritos eram muitos, e de sua filha. Com uma força difícil de crer em corpo tão pouco robusto, conseguiu abrir uma das janelas. Saltou, e eis o que viu: A parenta que convidara a tomar conta da casa estava no chão, atada, amordaçada, exausta. Uma cadeira quebrada, outras em desordem.

— Minha filha! exclamou ele.

E atirou-se para o interior.

Elisa debatia-se nos braços de Carlos, mas já sem forças nem esperanças de obter misericórdia.

(ASSIS, 2015, p.740)

Nesse momento da narrativa a violência e a resistência já se encontram para nos mostra que resistir será sempre preciso, mas nem sempre possível. No conto o conflito é caracterizado pelo narrador como “triste conflito da inocência com a perversidade”. Mas ainda haveria mais que acontecer com Elisa, agora moça desonrada.

Para salvar a filha da desonra, Julião, pai da jovem foi capaz de cometer o maior ato de violência do conto, assassinar a própria filha. Mas fora ele assassino ou salvador?

Seguiram-se alguns minutos de angustiosa espera. Julião olhava para sua filha e parecia refletir. Depois de algum tempo, disse:

— Elisa, tens realmente a tua desonra por uma grande desgraça?

— Oh! meu pai! exclamou ela.

— Responde: se te faltasse a pureza que recebeste do céu, considerar-te-ias a mais infeliz de todas as mulheres?

— Sim, sim, meu pai!

[...]

— Não peças nada, disse este. Só há um protetor para os infelizes: é Deus. Há outro depois dele; mas esse está longe... *Ó Pai de todos*, que filho te deu o Senhor!...

Elisa voltou para junto de seu pai.

— Chega-te para mais perto, disse este.

Elisa obedeceu.

Julião tinha os braços atados; mas podia mover, ainda que pouco, as mãos. Procurou afagar Elisa, tocando-lhe as faces e beijando-lhe a cabeça. Ela inclinou-se e escondeu o rosto no peito de seu pai.

A sentinela não dava fé do que se passava. Depois de alguns minutos do abraço de Elisa e Julião, ouviu-se um grito agudíssimo. A sentinela correu aos dois. Elisa caíra completamente, banhada em sangue.

Julião tinha procurado a custo apoderar-se de uma faca de caça deixada por Carlos sobre uma cadeira. Apenas o conseguiu, cravou-a no peito de Elisa. Quando a sentinela correu para ele, não teve tempo de evitar o segundo golpe, com que Julião tornou mais profunda e mortal a primeira ferida. Elisa rolou no chão nas últimas convulsões.

— Assassino! clamou a sentinela.

— Salvador!... salvei minha filha da desonra.

— Meu pai!... murmurava a pobre pequena expirando.

Julião, voltando-se para o cadáver, disse, derramando duas lágrimas, duas só, mas duas lavas rebentadas do vulcão de sua alma:

— Dize a Deus, minha filha, que te mandei mais cedo para junto dele para salvar-te da desonra.
Depois fechou os olhos e esperou.
(ASSIS, 2015, p.741)

França (2010) reflete sobre a condição de Julião na narrativa. Para ele:

Depois de praticado, o mesmo ato pode defini-lo como herói ou vilão. Para admitirmos que essa atitude o define como herói, é preciso que a concebamos como um ato de sacrifício. Julião, neste caso, seria herói, pois, foi capaz de tomar a difícil decisão de, em troca da defesa da honra da filha, carregar pelo resto da vida a marca do acontecimento e o peso da atitude que tomou: matar a própria filha ³/₄ e, vale ressaltar, não necessariamente que precisou tomar. Apesar de aparentemente questionável, podemos dizer que, desse ponto de vista, Julião é o mártir de toda essa tragédia. Afinal, ao ser assassinada e tendo sua honra salva, foi Elisa quem mais se beneficiou com o ato do pai. Enquanto que Julião, apesar de brandamente punido pela justiça, foi o mais sacrificado, uma vez que, para sempre cumprirá a rigorosa pena de carregar a marca da sua decisão. Por outro lado, até que ponto seu ato não pode ser definido como uma escolha egoísta e covarde? Teria ele salvado somente a honra da filha ou também a sua? Não seria mais heróico conviver com essa suposta desonra e enfrentar ao lado da filha o olhar atravessado e preconceituoso da sociedade oitocentista? Qualquer resposta para essa questão pode ser considerada arbitrária. O mais importante é notar que na tomada da decisão e no ato praticado, Julião, enquanto sujeito, tanto se mostra implicado e comprometido com o ato, pois ele o reflete, como também tem sua existência redefinida. (FRANÇA, 2006, p.265)

Sobre a condição de Elisa, Krech (2010) ressalta que:

[...] Elisa não tem direito a ação. Não tem direito de expor suas ideias na trama, uma vez que praticamente não lhe é dada a palavra. Não pode ser mulher sem ser assediada pelo filho do patrão, nem tem o direito de viver se essa vida não for honrosa. Elisa é uma mulher marionete do mundo num mundo de homens: muda, estática, passiva. [...] (KRECH, 2010, p.157)

Elisa é a maior vítima da narrativa, pagou com sua vida a violência sexual que ela mesma sofreu. A desonra, consequência da violência sofrida gerou violência maior ainda. Aqui escravidão, violência e resistência se juntam mais uma vez, a menina era escrava, fato que levou Carlos a abusar-se dela, a violência que gerou violência não deu lugar a resistência

em nenhum dos dois momentos, nem quando foi para sofrer o estupro, nem quando foi para salvar sua vida.

A narrativa segue-se com a prisão de Julião e o seu julgamento, no qual o advogado aceitou defender o réu. Deu-se o dia do julgamento e Julião foi condenado a dez anos de prisão. No final do conto aparece algo importante, a narrativa foi escrita depois de mais de dez anos do ocorrido, uma vez que Julião já cumpriu sua pena:

No momento em que escrevo estas páginas, Julião, tendo já cumprido a sentença, vive na fazenda de Pio. Pio não quis que ele voltasse ao lugar em que se dera a catástrofe, e fê-lo residir ao pé de si. O velho fazendeiro tinha feito recolher as cinzas de Elisa em uma urna, ao pé da qual vão ambos orar todas as semanas. (ASSIS, 2015, p.744)

No conto, Elisa não é nem a personagem principal, mas a responsável por fazer da história tão forte a ponto de ser narrada. A sua morte foi o que desencadeou todo o resto da história, a prisão de Julião, sua condenação e a vinda do advogado para a vila onde tudo ocorreu.

Para nossa análise a personagem mais importante passa a ser Elisa, vítima de violência por consequência de sua condição social a princípio e depois pela condição da mulher naquela sociedade patriarcal do século XIX.

França (2010) ao traçar uma relação do conto com a psicanálise lembra de que Sérgio Paulo Rouanet, ao analisar o episódio do escravo Prudêncio e as humilhações às quais Brás submete Eugênia, realiza igualmente uma leitura na qual se vê, além da relação com a psicanálise, o nosso mesmo cuidado em notar na obra de Machado o diálogo entre o universal e o local.

Para exemplificar a exposição do crítico destaca-se o trecho:

Achas que o episódio do moleque Prudêncio se vingando em um escravo das pancadas recebidas é um traço da natureza humana? Engano, amigo leitor. Estás generalizando para o homem em geral um comportamento condicionado por estruturas particularíssimas de opressão. Lê Marx, e não sejas reacionário. Afirmas que, humilhando Eugênia, Brás está se comportando unicamente como representante de sua classe? Tolice leitor ignaro. Estás esquecendo dados universais da psicologia humana, como a

ambivalência amor-ódio e a existência da pulsão de morte. Lê Freud, e não sejas reducionista (ROUANET, 1993, p. 330).

Escravidão, resistência e violência caminham juntas ao fim trágico da história que ganha o título a partir da história passada há mais de vinte e quatro séculos atrás, na sociedade romana, o caso de Virginius como bem lembra o narrador:

Não era romance, era tragédia o que eu acabava de ouvir. No caminho as idéias se me clarearam. Meu espírito voltou-se vinte e três séculos atrás, e pude ver, no seio da sociedade romana, um caso idêntico ao que se dava na vila de ***.

Todos conhecem a lúgubre tragédia de Virginius. Tito Lívio, Diodoro de Sicília e outros antigos falam dela circunstanciadamente. Foi essa tragédia a precursora da queda dos decênviros. Um destes, Ápio Cláudio, apaixonou-se por Virgínia, filha de Virginius. Como fosse impossível de tomá-la por simples simpatia, determinou o decênviro empregar um meio violento. O meio foi escravizá-la. Peitou um sicofanta, que apresentou-se aos tribunais reclamando a entrega de Virgínia, sua escrava. O desventurado pai, não conseguindo comover nem por seus rogos, nem por suas ameaças, travou de uma faca de açougue e cravou-a no peito de Virgínia. (ASSIS, 2015, p.742)

A partir da narrativa machadiana a escravidão presente na sociedade do século XIX nos mostra trágicas consequências da condição social que o país encontrava-se, que os negros escravos viviam e por último a condição que as mulheres negras e escravas eram submetidas. A escravidão foi abolida em 1888, mas todas as vidas que ela levou consigo são incontáveis. Podemos mesmo nos lembrar do conto que já foi aqui citado “Pai contra Mãe, do mesmo Machado, para citar mais uma morte devida a escravidão. Refletir sempre será preciso, refletir sobre a sociedade, sobre a nossa condição na mesma, independente da sociedade os problemas serão sempre parecidos, violência, opressão, abusos, etc. . Daí então que surge a necessidade de resistir, contra a violência, contra a opressão, contra os abusos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANÇA, Eduardo Melo. *Da psicologia ao ato. Uma leitura do conto “Virginius”, de Machado de Assis. Miscelânea*. Vol.07, jan/jun. Assis, 2010.

KRECH, Natascha Machado. *O escravo e o protegido: percepção do trabalho servil em Virginius*. In: BERNARDO, Gustavo; MICHAEL, Joaquim (Orgs). *Machado de Assis e a escravidão*. São Paulo: Annablume, 2010.

RONCARI, Luiz. *Machado de Assis: o aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana*. In: TERESA: revista de literatura brasileira. n. 6/7. (2004/2005) Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: Ed. 34: Imprensa Oficial, 2006. p. 79-103.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

Recebido em 10 de Janeiro de 2018

Aceito em 16 de Junho de 2018